

a Bomba

Cristiano de Carvalho (art.)

Dirigem a manipulação Álvaro Pinto (lit.)

Fornecedor das matérias primas—Laurindo Mendes.

Sede do Laboratório—Rua d'Alegria, 218.

Marea da fábrica—(vulgó editor)—Carlos Gonçalves.

Fábrica: terraço de Costa Carregal, tr. Passos Manuel, 27.

A Razão do Pânico



O *Tribuna* lendo: «... a lógica dos princípios...» «o programa histórico...» «a justiça...» — Mas onde diabo disse eu já estas coisas?...

A Bomba

Queres tu, Pantaleão amigo, segundo dizes, saber que corrente política está actualmente dominando em Portugal, e eu não sei bem como satisfazer o teu desejo ou curiosidade.

Antes de 5 de outubro, toda a gente sabia e tu não te atrevas a duvidar de que a corrente dominante era a republicana. A monarquia tornara-se ascorosa e por simples questão de hygiene era-se anti-monárquico, quer se fosse republicano, socialista ou anarquista.

Depois de 5 de outubro, deixando o período revolucionário em que tudo aderiu por medo, covardia e interesse,—o *snobismo*, a desilusão ou a descrença colocaram num campo ambíguo de inimizade e até hostilidade á República uma grande parte do país, que ou voltou a achar preferíveis os velhos tempos ou se lançou na certeza já suspeitada de que tanto um como outro regimen não satisfazem as naturais aspirações de Liberdade.

Assim sendo e fazendo tu parte dos que até 5 de outubro machadavam na monarquia, por todas as maneiras e feitiços, deixa-me falar-te com a máxima franqueza e não repares se exagero algum ponto ou erro algum juizo.

A República veio antes de tempo, ou antes, num tempo mau. Havia em Portugal excelentes espiritos combativos, óptimos demolidores, mas não tinhamos quem pensasse a valer em construir e cultivar. O resultado? Viste-lo bem. Emquanto ainda foi necessário deitar abaixo os últimos restos da chafarica deposta, tudo foi ás mil maravilhas. As derrocadas seguiam-se sem fragor impetuoso. No dia, porém, em que foi preciso começar a construir, no momento em que se julgou indispensável iniciar-se o cultivo da sociedade portuguesa segundo o novo regimen, aí começaram as lutas, os atropelos, a denúncia flagrante de que se, na verdade, e como se gritava nos comícios, a República se tinha já feito nos espiritos, os futuros homens públicos é que não tinham as aptidões precisas para o rigoroso cumprimento das prédicas realizadas. Falhou, portanto, o bom senso e o critério em que tan-

tas esperanças se tinham depositado. E agora, numa luta cega, de adversarios irreconciliáveis, mais e mais se vão afundando os decantados, os célebres princípios.

Julgas tu que há, entre os actuais dirigentes da política portuguesa atitudes absolutamente definidas e inspiradas num alto sentimento patriótico? Julgas tu que, salvo raríssimas excepções, há democráticos, evolucionistas, unionistas, camachistas, machadistas, etc. etc. que o sejam por convicção profunda e ânimo desinteressado de sacrificio? Julgas tu que inda hoje abunda esse espirito de abnegação e generosidade que, durante anos e anos de combate persistente pela República, só conheceu sofrimentos e perseguições?

Não, meu caro Pantaleão. A República realizada deixou de ser para as suas papoilas altas o sol vivificante que as faria desabrochar em rubras alegrias de vitória, para tornar-se no fruto amadurecido que convém trincar-se o mais breve possível. De aspiração de almas, converteu-se em gozo corpóreo. Todo o esplendor que a aureolava na distância se desfez ao tocarem-lhe.

Vês portanto, mais ou menos precisamente, a corrente política que domina em Portugal:—é a dos ambiciosos, dos incoerentes, dos insinceros.

Perguntarás ainda: e o Povo?—Esse continua á porta sem ter licença de entrar. Tem sofrido muito pontapé, muita desilusão, mais erê ainda na República. O seu fundo de natureza messiânica dá-lhe sempre forças para ter esperança. E, por mais que os *meneurs* de multidões queiram bradá-lo ou sugerir-lo, ele não é deste nem daquele partido, desta ou daquela facção: é o eterno revoltado, faminto de Liberdade e de Justiça, que tão depressa exalta o indivíduo que faz por interpretar as suas aspirações como o azorraga se ele lhe mente ou se desdiz; é ele, o Povo, a matéria prima de todos os movimentos de civilização, a força única suscetível de dar leis ao mundo. Não tem cor partidária, nem anseios restritos. Como um mar imenso abraça todos os partidos e atinge todos os altos ideais.

Conserva-te, pois, amigo Pantaleão, nesse Povo anónimo, e terás um nome bem mais digno e honrado do que o de qualquer grupo, grupinho ou grupelho.

DE PALAÇO

Pois sempre parece verdade que os logares da Tutoria já não são para quem se tinha decidido. O sr. Sá Fernandes tanto pensou que terminou por achar preferível escolher o commandador Paulino e quejandos.

—E só nisso é que se manifestam, segundo dizem, as altas locubrações de S. Ex.^a. Pensar se este republicano está bem, se aquele talassa não estará melhor e se aqueloutro conspirador não estará optimo.

—Que, de resto, ninguem sabe se o Porto tem governador civil, tão pouco ele dá de si.

—Até já chegou a constar que o sr. ministro do interior resolvera suprimir esse cargo, ficando o sr. Ferreira de Lima chefe supremo. O diabo o negue!

—O fumo da rua Santa Catarina, oriundo das mui nobres entranhas da real fábrica Confiança, abrandou um pouco estes últimos dias com medo ao projecto de lei. E' só, porém, para deputado ver.

—O sr. António Luis Gomes não quer convencer-se de que a Liga não é coisa que lhe convenha. Ainda tem ilusões a respeito dos *politiqueiros* da sua terra!...

—Os outros então, quasi todos, queriam só servir-se do seu nome, para á sombra dele se refocilarem em toda a estremeira da *outra*. Santos companheiros!

—O Maneca Reis todo se amofinou com o passado estouro, caracolando que não falaria muito bem mas que teve... *estilo*. *Estilo* teria a sua vigésima avó em sítio que aqui se não pode alumiar.

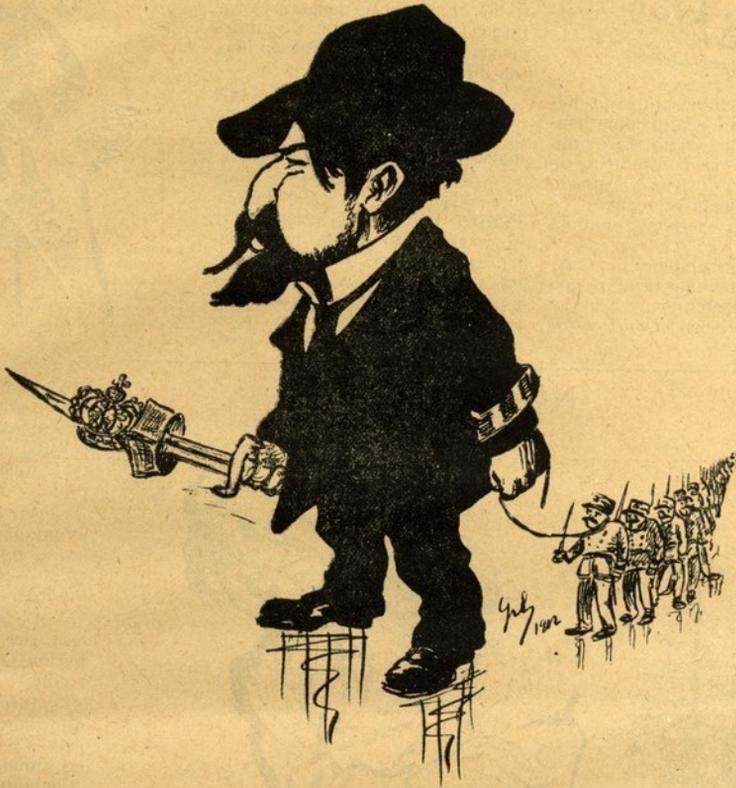
DE PERCUSSÃO

Não valeram tentativas dos donos do Porto para canalizarem em seu proveito a eleição da comissão municipal. A *canalha* começa a querer.

—Tambem lembraram-se de meter em certa lista cada pre-histórico... de 5 de outubro para cá!...

—O fornecedor de matérias primas cá da gazeta teve o sufrágio de todos os eleitores. Re-

A' Prova de Bomba



Inspector de polícia e médico em disponibilidade. Um dos espectros do evolucionismo e dos primeiros revolucionários do Túnel. O terror do mundanismo registado, naquele seu ar eternamente bonacheirão.

jubila *A Bomba* na pessoa dele pela confiança que o povo lhe dispensa.

— Agora essa comissão fará ou não trabalho útil? — O que supomos não fará: é passar recibos de meses anteriores a outubro de 1910 a indivíduos que só depois de proclamada a República precisaram de mostrar-se republicanos.

— Os alunos de Belas Artes constituiram-se em escola livre. E', sem dúvida, a melhor forma de aproveitarem alguma coisa.

— A maioria dos respectivos mestres, jumentos chapadíssimos, começa a entender que deu patada. Prevenisse que escusava de remediar.

— Ha quem diga que a sindicância ao Liceu não pode ser absolutamente imparcial, pois que sindicante e o principal ob-

jecto da sindicância são da mesma pequena cidade de província. O diabo o jure.

— Foi violenta a maneira como os alunos da Universidade efectuaram o seu protesto? — Sem dúvida. Mas de quem a culpa? O governo só assim é que os ouve!

Cartas de namôro

(Duma colecção preciosa)

III

Meu querido Joaquim

Es muito injusto no que julgas a meu respeito. O que viste ontem á noite não é coisa que motive um rompimento, porque o rapáz com quem estava falando é um meu primo que eu não via ha muito e que é muito da

simpatia de meus pais. E não sei eu que todos os dias vais á rua de Santo António esperar uma costureira que trabalha numa casa de chapéus? Não tens, pois, que te zangar. Eu não te disse nada ainda sobre isso e só agora te falo no caso para que não continues a julgar-me tão estúpida como te pareço. Vou logo ao «Carlos Alberto» para camarote. Vê se podes ir, que num intervalo procurarei falarte e faremos as pazes. Levo aquele vestido claro e decotado de que muito gostas e farei por te parecer bonita. Leva-me violetas que te darei um cravo. Se não quizeres assim, o melhor é mandares-me as minhas cartas todas, que eu farei o mesmo ás tuas. Muitas saudades da tua.

JOANA.

DE RABIAL

Ainda são fabricantes de moral, bom senso e ajuizados conselhos no alto órgão do evolucionismo os *heróis* Eduardo de Sousa, Graça e Cruz e Alfredo Pimenta. E nesta admirável tripeça é que o chefe-mór maneja o tira-pé!

—Os Ursos também já escrevem depois de almoçarem *pimenta*. Até chegarem aí, porém, muita *correia* foi preciso *chegarem-lhe* ao lombo.

—Que os burros, se os sopram e lhes largam as rédeas todas, igualmente desatam a rabiscar com as patas. Reminiscências das eras em que as bestas falavam!

—O jardim da Cordoaria, por solidariedade para com os seus outros colegas, vai pedir á Câmara que também o cortem.

—Em compensação os parais das praças da Liberdade e Parada Leitão vão representar ao parlamento protestando contra a expropriação dos seus abrigos. Deixassem, ao menos, isso para quando viesse a outra... por zonas.

—O governo está na disposi-



NO POVO



ção de fechar a Universidade do Porto por dez anos, enquanto não resolve definitivamente a questão das propinas.

—Os preços serão aumentados de forma a só se poderem matricular os lentes e os banqueiros.

—A *canalha* não precisa de instrução superior. Ou então que o roube.

—Informam-nos de que o sr. Ferreira Gonçalves recebeu ha pouco duma tinturaria da Alemanha a sua definitiva côr política. E' um tom assim tem-te não cáias a fugir para o outro.

—Pouca ou nenhuma coerência tem quem de ordinário azedo se dá um dia a gastar quanta graxa tem ao pé para lustrar desconhecidos, idiotas e imbecis.

—Está a assinar em várias casas do Porto um violento protesto contra a Companhia Carris pela falta de mortes nestes últimos tempos. Não pode, na verdade, tolerar-se tal irregularidade!

—Vai alta a lua na mansão dos conspiradores. Atiram-se ás espanholas, os espanhoes atiram-se a eles, mas estes vão sempre ficando por cima. Ora! O amor é em toda a parte assim tormentoso.

— Emfim! Triunfa a moralidade: foi suprimido, em Lisboa, no Hospital de S. José, um *nicho* escandaloso que custava 4\$500 por mez!...

Postais políticos

Meu caro Jerónimo

Lisbôa, 30

Escrevo-te á pressa, porque é tarde, moro longe e tenho de ir a pé até ao Rocio remeter-te este postal. O ráio da greve dos electricos faz uma diferença enorme, mas a Companhia é que tem a culpa. Imaginou que podia fazer sempre pouco dos empregados e calca-os cada vez mais, pondo-lhes os pés, ou as patas, não sei, no pescoço. E' um grande prejuizo para a cidade. E vais ver como o governo chama já reaccionários ou pagos por eles aos grevistas. As greves só serviram aos *republicanos* de ocasião para fazer a sua propaganda contra a monarchia. Agora são criminosas, não obstante se ter decretado o direito a elas. Percebes? Nem eu.— Quanto à demissão, desterro e forca para os funcionários publicos, parece

que não vai por deante. Ainda ha momentos de sensatês nesta agitada fúria de paixões. Contentar-se-hão com o código comum que chega muito bem para isso.

Até outro dia, teu

AMBRÓSIO.

Estilhaços

A sombra estrangeira

O snr. ministro de Espanha deu-lhe para querelar jornais que se refiram á sua e *nossa* muito querida e amada nação com menos respeito que o protocolar. O governo, é claro, vai dar ordens terminantes para que os jornalistas querelados sofram a pena máxima, até de morte!— Foi o que se arranjou com o 5 de outubro: guindar esses mil enfatuados que agora só pensam em espezinhar o povo que os

fez. E tu, amigo Muralha, ainda has de ser apodado de... conspirador.

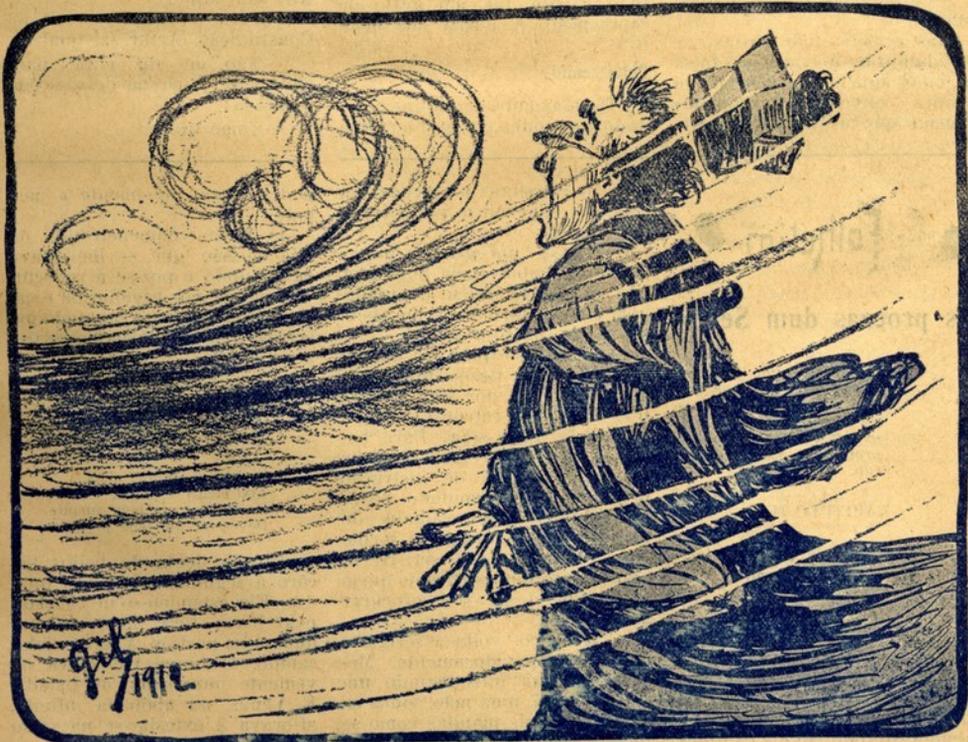
Começou

Os deputados inauguraram já a secção do sopapo para melhor resolução dos graves problemas nacionais. Em vez de se discutir com elevação e cretério o código administrativo e o orçamento, em vez de se procurar rever muita da obra incompleta do Governo Provisório, joga-se o sopapo e o insulto como em feira de ciganos. Seria para isso que o país os elegeu?

A canzoada

De Lisboa irradiou até Coimbra a canzoada contra «A Renascença Portuguesa». E os mastins já fartos de ladrinhar á lua, lá por entre os cinzeiros, desataram a ferrar a dentuça em imaginárias sombras de pernas. Miseros impotentes, que inda vos envenenareis com a própria raiva!

A Academia e a Reacção



— Quem semeia ventos colhe tempestades...



Quadros vivos

Num momento de aborrecido desdem pelo centro da cidade, fóra Pedro dar um giro até á Arca de Água. Meia dúzia de pobres barracas exibiam quinquilharias, noutras comia-se e bebia-se, pelo espaçoso largo grupos de raparigas com os seus namorados riam de galhofas. O rapazio cantava cantigas de alusão a Couceiro e de momentos a momentos um tiro mais forte bradava pontaria mais certa. De volta duma frigideira, tresandante de cheiro a orrível azeite queimado, um operário roto bebia copos de vinho e amaldiçoava a sorte, porque nem ali a companhia lhe poupava invecivas:

—João, vamos embora que te emborrachas.

—Cale-se, sua porca. Bébada estás tu.

Mas o tédio não afrouxava. Ao contato da perturbação falsa de todas aquelas aparências, na mistura convencional daquelas alegrias que ali se compravam

a peso e a medida, e a hora certa de certos dias, Artur mais se entristava. Que haveria na vida capaz de o depurar ou mesmo de lhe produzir redentor atordoamente?

Principia a história

Maquinalmente, aos empurrões por entre rodas que dançam e saltam, vem Artur postar-se á beira dos *rails*. O carro chega e uma enorme turba o invade. Encarrapitam-se, apertam-se, na arca da santíssima Companhia Carris cabe sempre mais gente. Artur fica encravado ao lado duma rapariga jovem e linda. Por coincidência ou propósito, ambos seguram as mãos ás costas da mesma cadeira. A um balanço maior os dedos de Artur tocam os da desconhecida. Esta não tira os seus. Artur aperta-lhos. Encontram-se os olhos dos dois numa interrogação profunda. Ambos dizem o mesmo. A mãe de Artur tomou já toda a da jovem. Em frente, no canto do carro, um lanzudo burguês deita o olho lúbrico sobre o par que se delicia, e ao lado uma conhecida mundana, de peitos altos e carão todo caído, faz um gesto de repreensão. A ironia das mentiras!

Palestrando

Timidamente, como que acordado dum sonho, Artur interroga:

—Para onde vai?

—Que lhe importa? diz a linda, ruborizada.

—Interessava-me saber.

Silêncio. A terna creança, de formas ainda balbuciantes, olhar espicado de ância e medo, desejo e apreensão, vacila. A seiva da vida agita-lhe os nervos, mas a fala tarda, porque ainda não sabe arrojarse. Assusta-a o rapaz, para quem, no entanto, é impelida por todas as forças vivas do seu ser. O que a espera? Sabe lá! Sabe lá a pura andorinha, ao experimentar o primeiro vôo, depois de mil instâncias e chamamentos dos pais, se as asas lhe não fraquejarão e não projectará o franzino corpo no lago dos passeios! Sabe lá o pequenino leão do mar se ás súpcias da mãe para se lançar á água não corresponderá o banho fatal da morte?

—Não me responde? — Insiste Artur.

—Não sei por que me pergunta?

—Curiosidade, talvez mais do que isso.

—Mais... não sei que seja... Ah! saía aqui...

Parára o carro na rua da Constituição. Artur sai também.

—Não me diz então para onde vai? E não me deixa acompanhá-la?

—Como quizer...



As proezas dum Seixo

De como o autor desta verídica história, por motivos de limpeza, põe ao sol a origem e manhas de um famoso Seixo, cujas proezas ao adiante se verão.

CAPÍTULO II

Da maneira como o calhau principia a tocar rabecão

II

Uma bela tarde, num daqueles amenos passeios que Xixi e Lili costumavam dar pelo rio acima, tocando a guitarra e babando-se todo ele em cantigas de lamúria amorenta, Lili dei-

xou de repente as cordas em repouso, engrilou-se para Xixi e disparou-lhe esta:

—Tu és um grande burro. Não tens importância nenhuma, não és bacharel, nem deputado, nem sequer jornalista. Se assim continuas, passo-te o pé...

Xixi, muito espantado, deixou cair um remo, poz-se um pouco mais lívido e, por fim, sempre teve ânimo de retrucar:

—Pois bem, seja! Para bacharel, já estou velho e nem sei se tenho exame de instrução primária. Para deputado, só se fosse eleito pelos calhaus do monte Pedral. Jornalista, jornalista é que eu posso ser. Ha aí uma gazeta que precisa de quem a auxilie e eu vou procurar meter-me lá.

—E' claro, volta a serigaita um pouco pevidosamente: Mete-te lá, vai introduzindo um pé, outro pé, uma mão, todas as mãos, e depois mandas como se tudo fosse teu. A seguir, tens importância, fazes pedidos, já

podes estar dignamente a meu lado.

O Seixo compenetrrou-se da alta missão que se lhe estava desenhando e poz-se a reflectir.

Lili, em voz esganiçada e um tanto roufenha, foi cantando palavras rimadas da sua horrorosa lavra:

Ai Xixi da minha vida
Xixi do meu coração
Faz-me sempre a vontade
E verás se te amo ou não!

Ai Xixi da minha alma,
Xixi alegre e jovial,
Para seres um bom amante
Deves ter um bom jornal!

Efusão doida de beijos fez côro á segunda *admirável* quadra. Ela estendeu-se de cançada pelo barco fóra. Xixi acompanhava-a na posição. A tarde vinha caindo. O barco balouçava levemente num ritmo de balada. E Vênus, na abóbada infinita, afluava a extasiar-se na visão do seu culto.

(Continúa).

Seguindo...

Seguem, de olhos no chão, embaraçados.

—O seu nome?

—Alda!

—Muito lindo.

Novo silêncio. Uma velhota, encarquilhada de muitos anos, sentada á porta de casa, vai anotando:

—Que formoso par! Sim senhor.

—Artur fita a sua companheira. Ela olha-o também e sorri.

—Não me perguntou o meu nome, quer sabê-lo? — indaga Artur.

—Não é preciso.

—Porquê? Assim lhe desgosto?

—Não... não é porisso.

—Então?!

Alda, mais córada, parece tremor. Quer responder e custa-lhe. Afogueia-se-lhe a vista. Parece-lhe que vai cair e encosta-se um pouco a Artur.

—Ajude-me um pouco. Moro aqui perto. É um instante.

Escurecia. Vagas estrelas eram os vagalumes do céu. Na verdade, a casita da jovem era ali perto, muito perto do largo da Aguardente. O seu quarto era ao rez-do-chão. Abriu a porta e Artur teve licença de entrar.

Com toda a inocência...

—Sente-se melhor?

—Sim, deixe-me sentar um bocadinho.

—E vive aqui sosinha?

—Vivo com minha mãe. Ela hoje foi para casa duma tia, só vem tarde. Meu pai morreu. Olhe ali está o retrato dele. Era muito bom, muito trabalhador. Foi na fábrica que se arruinou. Isto do trabalho para os pequeninos é uma desgraça.

—E sua mãe deixa-a assim andar.

—Ora, ela tem confiança em mim. Depois, também diz: cada pessoa tem aquilo que quer. A gente só se perde, quando calha para af. A's vezes, quanto mais cuidados pior.

Artur tem entre as suas as mãos de Alda. Furtivamente, vai beijando-lhas enquanto ela fala. As sombras são mais negras. Apenas um candieiro do passeio defronte deixa escapar uma rês-tea de luz.

Artur insiste na pergunta interrompida:

—Mas diga-me: porque não quer saber o meu nome?

A linda rapariga ri, morde os lábios e fica-se muda.

Artur redobra de carinho e ternura. Está ajoelhado a seus pés e implora. Prevê qualquer coisa que o encante, qualquer coisa que o aterre. Mas sente-se preso, cada vez mais subjugado.

—Seja boa, diga porquê.

Alda não pode resistir misa.

Num impulso veemente, lança-se ao pescoço de Artur, beija-o com sofreguidão, e diz-lhe depois ao ouvido, muito de mansinho, como se confessasse um tremendo crime:

—Porque já o sabia.

A catástrofe... cómica

Simultaneamente, ouvem-se duas pancadas á porta. Alda esquecera-se de que as horas passavam e a mãe ia voltar. Era ela que batia. Num rasgo espontâneo de inocência, abriu sem demora. A pobre velha, alucinada, cega ao ver um rapaz no quarto de sua filha, caiu desmaiada no chão. Artur foi chamar socorro e desapareceu. Voltada a si, e mal se achou a sós com Alda, mui pressurosamente inquiriu:

—Então? Ele como se portou?

—Fiz tudo o que a mãe me ensinou, mas foi muito delicado. Não houve nada.

—Grande estúpida. Has de ficar toda a vida solteira.



Sá da Bandeira—Depois de envelhecer, lá se foi a companhia da República, até ás margens do Mondego mostrar coisas lindas á mocidade do choupal. Agora, o teatro deve retomar o cinematógrafo com sala e corredores ás escuras e com as antecâmaras dos camarotes também sem luz alguma.

—**Carlos Alberto**—O Galhardo bem se fartou de intrujar o público com os extraordinários sucessos, mirabolantes êxitos, etc. da «Depravada Suzana», que nem de graça lhe foram ver o inextinguível desbragamento. E ainda espera que a província o salve com a Osório a requebrarse por todas as juntas, o Pinto Ramos cada vez mais estúpidamente petulante e o Armando a ralar de hora para hora! A

triste ingenuidade dos pobres de saber.

—**Águia de Ouro**—Fitas, fitas toda a noite, fitas toda a vida. Ginásio por fitas, Geovanini por fitas, variedades por fitas. Peças numa fita e fita em peças. Entretanto, no espaço ermo e silencioso ouvia-se o esvoaçar duma pequena avesinha a que um avantajado falecido mosca chamava.

Jardim Passos Manuel—Por atenção para comnosco, a Empreza vai acabar com o cinema e adjacentes folhas passadas na escuridão. Daqui por deante só no palco se permitem poucas vergonhas. Ha também licenças registadas para flirts discretos nas ruas mais escondidas do Jardim.

Olympia—Já reduziu á luz. As fitas já pouco variam. As bailarinas idem. A caixa de música na mesma. Temos alegria transformada em marcha fúnebre.



Charadas aumentativas

Animal-2 ave-2

Charadas em frase

A fibra afetuosa alumia-1-2

Charadas adicionadas

Instrumento-2

—2

Nota musical-2

Charadas sexuais

Ele medida e ela planta-2-2

Combinadas

1.ª + do — poeta

2.ª + ar — refeição

3.ª + na — planta

Terra portuguesa

Enigma tipográfico

I 10 E

K

Decifrações do n.º 6

Charadas aumentativas: galo galão.
—Charadas adicionadas: nababo.—Charadas sexuais: linho, linha.—Charadas em frase: febrilólogo.—Charadas combinadas: Cabanelas.—Enigma tipográfico: alinhav.—Maçada geográfica: S. Mamede de Riba Tua.

TRIC-TRAC.

O Evolucionismo de ele...



—E' tempo de acabares com essa farça: ela só pode servir os intuitos daqueles *amigos* que acolá te citam satisfeitos! Decide: ou eles ou eu!...